

BANDOS ARMADOS EM GAZA

A POPULAÇÃO JÁ OS CONHECE

Presentemente, devido à acção das Forças Armadas de Moçambique (FPLM), os bandos armados em Gaza, estão com as suas possibilidades de receber reabastecimento da África do Sul cada vez mais limitadas. As suas acções mais «espectaculares» são levadas a cabo por grupos cada vez mais isolados, uma vez que a população deixou de ter medo e comunica sempre às nossas forças todas e quaisquer informações que possui sobre os bandidos. As operações desencadeadas pelas FAM nas matas de Gaza levaram a que os bandidos se comesçassem a entregar ou tentassem passar despercebidos no seio da população. Esta, sempre vigilante, tem um papel activo na denúncia de elementos pertencentes ou que pertenceram aos bandos armados.

Na maior parte dos casos, é a população quem denuncia os bandidos. Augusto Bulande Cumbane, 31 anos é um dos exemplos. Este homem foi capturado em Gaza, embora a sua província de origem seja Inhambane. Foi infiltrado em Gaza pelos bandos, quando estes vinham aqui abrir um novo acampamento. Segundo a história que nos conta, ele é pedreiro de profissão. Os bandidos armados raptaram-no em Maio deste ano, da sua casa. **Eles chegaram à minha casa, bateram-me e obrigaram-me a carregar as minhas coisas. Depois, levaram-me para a base deles em Nhavarre. Quando chegámos, disseram que eu tinha que fazer instrução. Neguei, disse que queria voltar para casa mas eles obrigaram-me a fazer a instrução durante um mês — conta Augusto Cumbane.**

O nosso interlocutor conta que depois da instrução foi metido num grupo que tinha como tarefa transportar material de guerra e alimentação do acampamento onde se encontrava para outros mais pequenos. Até que os bandidos decidiram ir criar um novo acampamento em Gaza. Augusto Cumbane fez parte do grupo que transportou o material para Gaza. Ele prossegue: **Eu, como estava doente e porque me andavam a bater pelo caminho, não aguentei. Ainda por cima com o material que eu carregava, que era muito, pesado. Fugi para o mato. Deixei-os num sítio onde estavam a assar carne de vaca, fui esconder-me no mato, até que eles se foram embora.**

Quando os bandidos se foram, Augusto Cumbane diz que rastejou até próximo de uma aldeia e esperou que por ali passasse alguém. A primeira pessoa que apareceu foi uma criança. **Chamei-a — diz — mas a criança teve medo e fugiu. Foi chamar os milicianos, que vieram em grande número e prenderam-me.**

JOVENS FEITOS ASSASSINOS

Entre os bandidos há também casos de jovens menores raptados e

transformados em assassinos sem que tenham consciência disso. Samuel Chaúque é um desses casos. Ele é natural de Nhamazane, em Gaza, e não conhece a sua idade. Aparenta 16/17 anos. Fala com muitas dificuldades, quase que é preciso arrancar-lhe as palavras a «saca-rolhas». Não que queira esconder o que viveu, mas sim porque é ingénuo, infantil, não se apercebe da gravidade dos actos que cometeu. É esta «quase criança» que já matou duas pessoas, e di-lo com a maior das naturalidades deste mundo.

Samuel Chaúque não andou na escola porque, segundo ele, o pai não o deixou. Trabalhava como pastor em Nhamazane quando, há cerca de cinco meses, foi raptado, juntamente com um amigo, pelos bandidos armados. **Eles chegaram e disseram que não queriam jovens trabalhadores. Depois espantaram o gado e levaram-no como eles para Hiti-Hiti — diz, acrescentando que treinou durante um mês, após o que lhe foi entregue uma arma para, integrado num grupo, montar emboscadas na região de Makeze. Quando lhe perguntámos quantas pessoas ele matou, respondeu sem hesitar que matou duas pessoas, quando o seu grupo atacou uma coluna militar. Os soldados mataram três dos nossos, cujos cadáveres deixámos car no terreno quando fugimos — acrescenta Samuel Chaúque.**

COMEMOS A PELE E ELES A CARNE

Este nosso interlocutor fala também do que comiam no acampamento onde ele se encontrava: **Nós comíamos as peles de boi que roubávamos à população. Os chefes é que comiam a carne e nós as peles.**

Samuel Chaúque apresentou-se voluntariamente às nossas forças. Fê-lo simplesmente porque comia pele de boi, e não porque estivesse consciente do facto de estar a trair o povo. Se pudesse comer carne e farinha, como comiam os seus chefes, não se entregaria. Mas entregou-se. Fugi à

noite, num dia em que tínhamos ido fazer um ataque a Makeze. Andávamos em pequenos grupos. Então, **meti-me no mato e escondi-me. Eles continuaram. Depois sai e fui para Makeze apresentar-me à tropa de Frelimo. Isso foi há pouco tempo, não há um mês — explica Samuel Chaúque.**

APOIO SUL-AFRICANO

O apoio sul-africano aos bandos armados é por demais evidente, tanto nas declarações dos bandidos como no material capturado. Em Chibuto tivemos a oportunidade de ver uma exposição de parte do material capturado aos bandidos desde o ano passado. Vimos desde simples balas até bazucas e morteiros, minas, roquetes, mochilas, pára-quedas e outro material de fabrico sul-africano. Algumas armas trazem o número de fábrica raspado, para que não seja possível identificar a sua origem.

Nas operações que as Forças Armadas de Moçambique levam a cabo são capturados, para além de bandidos, muitos artigos e géneros roubados às populações. Também vimos na exposição motorizadas, bicicletas, mobiliário, louça, muita roupa, rádios, gira-discos, entre outros artigos. Até documentos de identificação de cidadãos moçambicanos raptados ou assassinados aparecem lá. Esses mesmos documentos são depois utilizados pelos bandidos, como sendo deles, quando se infiltram no seio da população.

O apoio sul-africano aos bandidos é também testemunhado por alguns dos nossos entrevistados. Augusto Bulande Cumbane, um dos bandidos que entrevistámos, afirmou categoricamente que o material de guerra e alguma comida que recebiam no acampamento onde se encontrava vinham da África do Sul. **Vinham de helicóptero, à noite. Eram armas, munições, minas e muitas outras coisas — afirma..**

Também Samuel Chauque confirmou isso. Ele diz que no seu acampamento o material vinha de avião. Em Hati-Hati, onde estávamos, há uma extensa planície onde o avião aterrava. Eu, pessoalmente, não via os aviões. Aterravam um bocado longe, deixavam o material e depois nós iam buscar.

O oficial das FPLM que nos apresentou a exposição de material capturado em Chibuto disse-nos, mostrando um aparelho portátil de rádio-transmissões: Este aparelho é um rádio que eles utilizam quando fazem uma solicitação de um avião na África do Sul. Contactam com o avião através deste rádio.

Fernando, outro dos bandidos, fala também de como eram abastecidos em material e comida. Davam-nos comida. Até nos davam aquela comida que vinha de helicóptero. Chegavam à noite, descarregavam e de manhã distribuíam-nos. Traziam arroz e farinha. Não víamos as pessoas, porque chegavam à noite e havia pessoas encarregues de ir descarregar a mercadoria. Iam guardar numas tendas que havia lá.

MULHERES TAMBÉM SÃO VÍTIMAS

Nas suas incursões pelas aldeias, os bandidos também raptam mulheres, jovens ou não. Foi exactamente isso que nos informou o jovem Samuel Chauque. Ele disse: Na base também havia mulheres, raptadas como nós, para cozinhar e para servirem de mulheres dos chefes. Cada chefe tinha duas mulheres. Perguntámos se elas também combatiam, ao que nós respondeu negativamente.

Por seu turno, Fernando, o que matou a sangue-frio quatro mulheres, afirma: As mulheres que estão na base não são mortas, não sei porquê, se quando encontram pessoas a andar na rua dizem que devem ser mortas. Até agora essas mulheres estão lá na base.

No dia em que os bandidos armados raptaram o jovem José Cossa Júnior, raptaram também algumas mu-

lheres. Diz ele: Levaram muitos jovens. Chegavam a trinta. Levaram também mamas e deixaram ficar os madas.

Em Chibuto entrevistámos uma menor, Gilda Samo Novela, que foi raptada pelos bandidos armados e com eles viveu cinco meses antes de conseguir fugir e apresentar-se às nossas Forças de Defesa e Segurança. Ela tem apenas 14 anos de idade. Eis um extracto da conversa com ela:

PERGUNTA: Como foi raptada?

RESPOSTA: Os bandidos encontraram-me em casa. Raptaram-me e levaram-me para um acampamento na região de Guambe. Vieram à noite. Levaram-me a mim e aos meus pais. Depois bateram o meu pai e mandaram os meus pais voltarem. Eu fui sozinha com eles.

P.: Levaram-na para quê?

R.: Para ser mulher deie.

P.: Dele quem?

R.: O Carlos.

P.: Quem é esse Carlos?

R.: É um dos chefes dos bandidos lá no acampamento.

P.: Quando é que foi isso?

R.: O mês não sei. Foi quando o caju estava a acabar.

P.: Que fazia lá?

R.: Não fazia nada. Só dormia com o Carlos.

P.: Havia muitas mulheres lá?

R.: Éramos três. Uma era a dona da casa e a outra era mulher de outro chefe.

P.: Cada chefe tinha a sua mulher?

R.: Sim. Como as casas são muitas, cada um que trazia uma mulher ia pô-la numa das casas.

P.: Os bandidos andam sempre sujeitos como bichos. Tomam banho, os bandidos?

R.: Só poucos.

Gilda Novela conseguiu, finalmente, fugir, passados cinco meses de cativo, em que foi utilizada como instrumento para o prazer sexual de um dos bandidos armados. Ela fugiu quando o bandido de nome Carlos lhe entregou um saco de roupa para ir até à povoação mais próxima trocar por mandioca. Saiu da base e não voltou mais. Foi apresentar-se às nossas forças. Agora é uma jovem livre.